



RESUMOS > COMUNICAÇÕES
Sexta-feira > 20/10 > 14:00-15:30
Sala 2076

Luiz A. Calmon Nabuco Lastória > Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Adorno musicólogo leitor de Freud

Este artigo desenvolve a hipótese segundo a qual podemos distinguir duas camadas de recepção da teoria psicanalítica na obra de Theodor W. Adorno. A primeira delas, ainda pouco explorada, se faz presente nos escritos musicais do compositor e filósofo frankfurtiano, sob a forma de um conjunto de suposições tácitas e implícitas convergente com o procedimento da crítica imanente em operação no âmbito da singularidade estética: identificação de problemas pelo recurso à história da materialidade musical; caracterização dos mesmos a partir de indícios sintomáticos a serem decifrados; composição de sentidos inteligíveis mediante exercício hermenêutico para tudo aquilo que, a primeira vista, carece de sentido; e, circunscrição metodológica à singularidade do caso (obra) em análise. Já a segunda camada de recepção assume a forma de uma psicologia social analiticamente orientada presente em grande medida nas obras produzidas durante o período do exílio.

Eduardo Socha > FFLCH-USP

Fim da expressão musical? Adorno e o envelhecimento da nova música

No polêmico ensaio “O envelhecimento da nova música” (1954), Adorno questionava a interpretação objetivista da obra de Anton Webern por parte da nova geração de compositores que, no início da década de 1950, fundamentavam suas práticas composicionais no serialismo. Nesta comunicação, pretendemos de início afastar a

hipótese de que Adorno encontraria na abordagem serial um caminho legítimo, em contraposição à música da indeterminação, para o livre desenvolvimento das “tendências do material” no pós-guerra; na realidade, o serialismo nunca representou, para Adorno, a inevitável culminação das experiências da Segunda Escola de Viena no início do século 20. Tanto uma redução racionalista do material quanto a celebração dadaísta de uma anti-arte, na música da indeterminação, que fragilizava a própria categoria de obra no interior da sociedade administrada, apontavam para a mesma crise de sentido: a perda do caráter de linguagem da nova música, que Adorno denominava com o neologismo “des-linguistificação (Entsprachlichung) do material”. Buscaremos discutir alguns tópicos desse ensaio de 1954, no qual Adorno aponta para o fim da ideia de expressão naquela que seria a arte musical mais avançada e racionalizada de seu tempo. Veremos que a própria possibilidade de uma “escola pós-Webern”, abandonando o processo composicional ao mero cálculo de séries, extirpando vestígios “retóricos” da tonalidade, seria um contrassenso à dialética do material. Ao mesmo tempo, Adorno examinava as possibilidades de se recuperar a categoria de expressão musical em um contexto serial e pós-serial. Por fim, iremos indicar brevemente a polêmica deflagrada pelo ensaio (sobretudo o debate com o musicólogo Heinz-Klaus Metzger) e os desdobramentos desse ensaio na reflexão musical posterior de Adorno.

Igor Baggio > Universidade Estadual Paulista - UNESP

Finalidade imanente e infinitude metafísica da música em Hanslick, Wagner e Bloch

É uma ideia amplamente aceita a de que o processo histórico e estético de autonomização da música com relação a fins ditos “extra musicais” foi o aspecto decisivo no advento da modernidade musical europeia. Esse processo, que ocorre junto aos três polos da vida musical burguesa, composição, execução e recepção recebeu diferentes conceitualizações no interior do pensamento filosófico alemão dos séculos XIX e XX. Seu ponto de partida filosófico é a terceira crítica kantiana. Inspirados na reflexão a respeito do princípio

da finalidade sem fim e no conceito de sublime na "Crítica do Juízo" a geração de críticos musicais e filósofos que floresceu nas primeiras décadas do século XIX, notadamente E. T. A. Hoffmann, Wackenroder e Tieck passaram a valorizar a música como um fim em si mesmo, para além da relação com a linguagem e com funções empíricas. Simultaneamente, o gênio musical autônomo e desligado de fins pragmáticos passa cada vez mais a ser pensado como infinitude subjetiva, em sintonia imediata com a infinitude da Natureza. Desperta aí o papel das Sinfonias de Beethoven na formulação de uma "metafísica da música instrumental", nas palavras de Carl Dahlhaus. Tudo isso é bastante conhecido. Na presente comunicação visaremos abordar uma discussão que se segue historicamente a esse momento, mas que pode ser entendida como continuando a se guiar pela relação entre a forma estética como finalidade sem fim e o poder da infinitude expressiva do gênio criador. Nossa proposta é apresentar sucintamente três sentidos distintos para essa continuação da reflexão dos primeiros românticos sobre a relação entre música e metafísica, caracterizando-os como modos distintos de pensar musicalmente uma lógica da finalidade imanente e a superação de seus limites. Os três momentos são os seguintes: 1) Hanslick e a forma musical como fim em si mesmo; 2) Wagner e o drama musical como infinitude sublime e 3) Ernst Bloch e a música expressionista como infinitude utópica.